

Eduardo Galeano, um jornalista e escritor uruguaio (falecido em 2015), escreveu:

“Muitas pessoas pequenas, / em lugares pequenos, / fazendo coisas pequenas, / podem mudar o mundo”.

Nós celebramos hoje os santos anónimos. Os santos do quotidiano. Homens e mulheres pequenos, em lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, cujos nomes não constam entre os muitos milhares de santos inscritos no Martirológio Romano, mas que fazem parte dessa “multidão imensa que ninguém podia contar e que provinha dos quatro cantos da terra”.

Neste dia, guiados pela mão de São João, atentos à sua palavra no Livro da Revelação, contemplamos preferencialmente os santos anónimos e esquecidos, dos quais eu destacarei alguns:

1º Os santos mártires cristãos, profissionais da comunicação social (escrita e falada), assassinados em tantos pontos do globo, nomeadamente em países totalitários, por terem sido os arautos da verdade. Gritaram bem alto e nunca se calaram, conscientes de que “a primeira de todas as forças que abalam o mundo é a mentira”. Mais ainda, ecoava nos seus ouvidos o grito de Luther King: “As nossas vidas começam a morrer no dia em que calamos coisas que são verdadeiramente importantes”.

2º Contemplo nessa “multidão imensa que ninguém podia contar” o numeroso grupo dos fiéis das diversas Igrejas cristãs do Médio Oriente e do Norte de África, mártires esquecidos, que têm perecido às mãos do autodenominado Estado Islâmico e de vários grupos de fanáticos radicais. Não posso deixar de lembrar, neste dia, o genocídio do povo arménio, na Turquia, em 1915. Naquele que foi o primeiro grande genocídio do séc. XX, o número de cristãos arménios mortos e deportados pelo Império Otomano ultrapassou o pavoroso número de um milhão! Quanto sangue derramado no séc. XX e na primeira década e meia do séc. XXI! Quantos mártires crucificados, queimados nas fogueiras, degolados, enforcados, metralhados... Tudo isto ante a quase passividade da comunidade internacional”! E isto leva-me a concluir que tinha toda a razão Albert Einstein quando afirmava: “O mundo é um lugar perigoso para se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”.

3º Os missionários (clérigos e fiéis leigos), os voluntários das diversas Organizações Não Governamentais (ONG’s), da Cruz Vermelha Internacional e outros que têm tombado sob o fogo das armas quando, quais bons samaritanos, se debruçam sobre os destroçados da vida, as vítimas de guerras fratricidas, de regimes totalitários e dos mais variados fanatismos. Norteava-os a todos um único sonho. À semelhança de Luther King, em 1968, movia-os este sentimento: “Tenho um sonho de que um dia este país se levantará. Tenho um sonho de que um dia todos os vales serão elevados, todas as montanhas e encostas serão aplanadas, todos os cumes serão nivelados e os tortuosos endireitados. E a glória do Senhor será revelada a toda a gente; e todos a verão. Esta é a minha esperança”!

4º Contemplo nessa “multidão imensa” um numeroso grupo de santos esquecidos, vítimas da globalização da indiferença – os idosos que passaram os últimos anos da sua existência sem o mínimo dos mínimos de dignidade, com umas migalhas que o Estado lhes deu a título de chorada esmola, espoliados pelos filhos e netos, roubados e assassinados por charlatães sem escrúpulos a quem abriram a porta, os quais bem puderam fazer suas as seguintes palavras, da autoria de alguém que eu não posso precisar com exactidão:

*Precisei dos meus amigos,
Procurei por um.
Comecei pelos mais antigos
E não encontrei nenhum.
Aqueles que comigo privavam,
Conviviam mais como eu,
Esses tão surdos estavam
Que nenhum me respondeu.
E demais aqueles
Que lancei pela vida fora
Não encontrei nenhum:
Fogem de mim agora.
Magoado e desiludido
Voltei a casa e, então,
Aí encontrei um amigo:
Veio até mim o meu cão.*

5º Vislumbro, finalmente, no meio dessa “multidão imensa”, os autarcas, professores primários, médicos e sacerdotes do nosso interior profundo, essa extensa faixa de território totalmente desprezada, humilhada e votada ao abandono pelo poder central do Terreiro do Paço, a quem tudo têm roubado: os hospitais, os centros de saúde, as escolas e, mais recentemente, até os tribunais. Curvo-me diante desses homens e mulheres abnegados que souberem como ninguém debruçar-se sobre o sofridor caído na beira do caminho, acolheram tantos naufragos do mar agitado da vida, numa palavra, fizeram suas as lágrimas, as desilusões e as dores alheias.

“Sede santos, porque eu, o vosso Deus, sou santo”. Este apelo, reiterado vezes sem conta no Livro do Levítico é retomado por Jesus nos Evangelhos, ao dizer: “sede perfeitos como o vosso Pai do Céu é perfeito”. E o II Concílio do Vaticano, no documento sobre a Igreja, irá retomar esta temática ao falar da “vocação universal do cristão à santidade”. Qual o caminho para lá chegar? É o que Jesus nos aponta no “sermão da montanha”, que hoje escutamos. Os santos anónimos e esquecidos que celebramos neste dia foram homens e mulheres de coração pobre, os construtores da paz, os que choraram e fizeram suas as dores alheias e o sofrimento dos demais. Como cantamos com o Salmista, “esta é a geração dos que procuram o Senhor”. Uma multidão com um simbólico número de 144.000, que provém dos quatro cantos da terra, uma multidão com lágrimas, mas feliz: “Bem-aventurados os que choram porque serão consolados”!